

#cm  
**2**

QUARTA-FEIRA



Francisca Queiróz estreia como autora em 'Eu, e Algumas Histórias'

PÁGINA 3



Angelina Jolie mobiliza o público espanhol em San Sebastián

PÁGINA 4



Naimaculada canta uma São Paulo sem cores no 1º álbum

PÁGINA 6

Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira com 'A Sabedoria dos Pais', texto inédito de Miguel Falabella

# Recomeços e possibilidades do amor

Por **AFFONSO NUNES**

Depois de 23 anos longe dos palcos, Natália do Vale retorna ao teatro e reencontra o amigo de longa data Herson Capri no espetáculo "A Sabedoria dos Pais", comédia romântica com texto e direção de Miguel Falabella, em cartaz no Teatro Vannucci. É um nova reunião do trio, que já trabalhou junto em projetos anteriores nos últimos 30 anos.

Continua na página seguinte

**N**atália do Vale, que está completando 50 anos de carreira, explica a longa ausência dos palcos desde “Capitanias Hereditárias” (2002), também de Falabella. “Durante grande parte da minha carreira, eu sempre fiz teatro e televisão ao mesmo tempo. Mas, nos últimos anos, eu não queria mais fazer desta forma. E agora eu posso me dedicar mais ao teatro, como não estou fazendo TV, e ter uma parte da minha vida dedicada ao palco”, explica a atriz, que iniciou sua trajetória na Rede Globo em 1975 e construiu uma carreira sólida com personagens marcantes em novelas como “Água Viva”, “Baila Comigo”, “Cambalacho” e “Torre de Babel”.

Natália e Falabella se conheceram ainda nos anos 1980, quando fizeram irmãos na novela “O Outro”, de 1987. “Nosso afeto vem de mais de 30 anos”, revela a atriz. Já com Herson, esta será a terceira colaboração, após “Negócio da China”, de 2009, e “Em Família”, de 2014, ambas escritas por Miguel. “Eu e Natália nos damos muito bem em cena. Começamos as leituras na casa dela. Natália é gentil e acolhedora, temos uma ótima conexão, e com o Miguel também. Os ensaios foram muito alegres, estou feliz em fazer um texto inédito dele”, conta Herson.

O ator também celebra 50 anos de estrada - estreou na televisão em 1975 e se consagrou como galã e vilão charmoso em produções como “Guerra dos Sexos”, “Renascer” e “Cobras & Lagartos”. Recentemente, esteve em cartaz com “Memórias do Vinho (per Baco)”.

“A Sabedoria dos Pais” mergulha em território sensível ao abordar os recomeços e as possibilidades do amor após uma vida inteira compartilhada. A trama acompanha um casal que, depois de 35 anos de um casamento aparentemente perfeito, decide se separar. Nos dez anos seguintes, cada um busca novos caminhos e experiências, aprendendo a viver sem o outro, sempre guiados pelas lembranças e ensinamentos de seus pais, que tiveram casamentos duradouros.



Herson Capri, Edwin Luisi (assistente de direção), Natália do Vale e Miguel Falabella no intervalo dos ensaios de ‘A sabedoria dos Pais’

# Afeto de longa data que se sente no palco

“Há pouca dramaturgia de comédias românticas sobre pessoas maduras. A gente não deixa de desejar porque está mais velho”

Miguel Falabella

“É uma reflexão da minha própria vida. Há pouca dramaturgia de comédias românticas sobre pessoas maduras. É como se nos fosse negado um lado da existência. E isso não é verídico: a gente não deixa de desejar porque está mais velho”, destaca Miguel Falabella em entrevista ao portal Heloísa Tolipan.

Dramaturgo consagrado por textos como “A Partilha”, “As Serenas da Zona Sul”, “Apenas Bons Amigos” e “Capitanias Hereditárias”, além de ser o criador de

sucessos televisivos como “Sai de Baixo” e “Toma Lá, Dá Cá”, constrói uma narrativa que percorre temas como etarismo, reinvenção pessoal e a continuidade da vida afetiva na maturidade. Sua obra teatral, que inclui ainda adaptações de grandes musicais como “A gaiola das Loucas”, Donna Summer”, “Os Produtores” e “O Homem de La Mancha”, é um mestre do humor inteligente com densidade emocional. “A Sabedoria dos Pais” é atravessado por afeto, cum-

plicidade e verdade, celebrando os encontros e desencontros da vida a dois e a eterna busca pelo sentido das relações humanas.

## SERVIÇO

A SABEDRIA DOS PAIS  
Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea)  
Até 14/12, de quinta a sábado (20h30) e domingos (19h)  
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

# Explorando a reinvenção feminina

Francisca Queiroz estreia como autora teatral em 'Ela, e Algumas Histórias' abordando os desafios da mulher contemporânea

**F**rancisca Queiroz dá um passo inédito em sua carreira ao estreiar como autora teatral de comédia com "Ela, e Algumas Histórias", espetáculo que ela própria protagoniza no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana, que constrói um retrato sensível e bem-humorado da mulher contemporânea através da história de uma protagonista que vê sua vida transformar-se completamente após o fim de

um casamento de quase duas décadas.

Com três filhos para criar e a necessidade urgente de reconstruir sua identidade, a personagem embarca numa jornada que espelha dilemas universais da condição feminina atual: a busca por independência financeira, o impacto das novas tecnologias nas relações afetivas e o complexo equilíbrio entre maternidade e realização profissional.

A direção de Ernesto Piccolo imprime à narrativa um ritmo que equilibra drama e comédia, com uma atmosfera que flutua naturalmente entre a emoção e a leveza. Ao lado de Francisca, o ator Claudio Gabriel interpreta diversos personagens que interagem com a protagonista ao longo da trama.

A peça mergulha em questões centrais do debate sobre gênero e sociedade, abordando temas como empoderamento, relações líqui-



Cláudio Gabriel em cena com Francisca Queiroz, que faz sua estreia como dramaturga

das, envelhecimento, separação e as complexidades dos aplicativos de relacionamento. O texto mescla passado e presente, revelando com franqueza os dilemas de uma mulher que busca preservar sua essência em meio às exigências da vida moderna.

"Hoje temos mais tempo de vida produtiva. Precisamos pensar nessa nova mulher, que é fruto de tantas transformações sociais e tec-

nológicas. Temos mais possibilidades de escolha e, se for preciso, podemos recomeçar", reflete Francisca. Para a autora e intérprete, o espetáculo funciona simultaneamente como espelho e convite ao diálogo sobre o lugar da mulher no mundo de hoje.

A atriz e dramaturga aposta numa narrativa íntima capaz de despertar identificação imediata no público, especialmente naqueles que já enfrentaram ou estão prestes a enfrentar processos de recomeço. A comédia, neste caso, tem a proeza de tocar em questões sérias sem perder a capacidade de entreter e emocionar.

O mês de setembro marca um momento particularmente intenso na carreira de Francisca, que integra o elenco principal da minissérie "A Vida de Jó" (Record). Na produção bíblica, ela interpreta Azenate, egípcia que foi mulher de José do Egito e mãe de Raquel. E Claudio Gabriel pode ser visto no filme "A Lista", exibido recentemente na TV Globo e ainda sem data de estreia no Globoplay.

## SERVIÇO

ELA, E ALGUMAS HISTÓRIAS  
Teatro Gláucio Gill (Pç. Cardeal  
Arcoverde, s/nº - Copacabana)  
Até 29/9, de sábado a segunda (20h)  
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

## NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

### Comédia filosófica

Outro espetáculo que sai de cartaz nesta quarta (24) é "Todo", no Teatro Municipal Café Pequeno. A peça mergulha nas sete leis herméticas de Hermes Trismegisto, criando um metaverso cênico inspirado no Caibalion. Karina Ramil e Jean Machado interpretam múltiplas figuras, de gurus espirituais a espigas de milho, em jornada cômica e filosófica. Com dramaturgia de André Sant'Anna e Rodrigo Arruda e direção de André Dale, a montagem mistura Teatro do Absurdo e humor para debater questões existenciais.

Jean Marcelino/Divulgação



### Espectador da morte

A peça "Nota de Falecimento" encerra temporada nesta quarta-feira (24), às 20h, no Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. A comédia conta a história de João Roberto, homem endividado que forja a própria morte, mas assiste escondido ao próprio velório caótico. O espetáculo reúne esposa enganada, filhos desorientados, vizinha fofoqueira e cartomante falsa em situações cômicas. Com texto e direção de Lourenço Marques, a montagem transforma tragédia em comédia de reencontros.

Thiago Gouveia/Divulgação



### Pesquisa narrativa

A Companhia Ensaio Aberto fez nesta quinta (25), às 19h, a última sessão de "Palavras" no Armazém da Utopia. O espetáculo tem Tuca Moraes em cena e direção de Luiz Fernando Lobo. A montagem usa a literatura como ponto de partida para pesquisa do teatro narrativo e épico. A atriz se deixa conduzir por palavras, frases e memórias em camadas, criando linguagem e sentidos diante do público. O diretor faz intervenções de som e luz que provocam a performance de Tuca, tornando cada apresentação única.

# A volta por cima de Angelina Jolie

Passagem avassaladora da estrela hollywoodiana pela caça à Concha de Ouro de San Sebastián, atuando em francês em 'Couture', pode ser coroada com um troféu de interpretação e elevar ainda mais seu status

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Lá se vão 25 anos desde que Angelina Jolie ganhou seu primeiro e (até agora) único Oscar, de Melhor Coadjuvante em "Garota, Interrompida", tendo concorrido uma vez mais com "A Troca", de Clint Eastwood, em 2009. Seu currículo vai de caça-níqueis ("Tomb Raider") a iguarias de tom político ("O Preço da Coragem", de 2007), com trabalhos limitados à voz em animações de êxito comercial ("Kung Fu Panda") e com exercícios de respeito na direção. Exibido no Festival do Rio de 2012 e indicado ao Globo de Ouro, "Na Terra de Amor e Ódio" fez dela uma cineasta, com tons em investigações antibélicas.

O problema: para uma estrela capaz de arrebatar a cinefilia, faz tempo demais que ela não emplaca um blockbuster. A incursão que fez na Marvel, em "Eternos" (2021), a fim de trabalhar com a prestigiosa diretora Chloé Zhao, deu água e faturou menos (muito menos) do que a Disney almejava.



Angelina Jolie e Louis Garrel em 'Couture'

Nas franjas das narrativas de risco, ela até brilhou em "Maria Callas" (indicado ao Leão de Ouro de 2024), na pele de diva máxima da ópera, mas não obteve troféus de respeito pelo esforço que fez. Em meio aos contratempos pessoais da dissolução de seu casamento com Brad Pitt, num conflito midiático penoso, com saldos disruptivos para os filhos do ex-casal, a californiana de 50

anos não emplaca um fenômeno do porte de "Malévola" (que arrecadou US\$ 760 milhões), há uma década. Para piorar, seu pai, o ator Jon Voight, é classificado como um apoiador minion de Donald Trump.

San Sebastián, entretanto, ignora esses quiproquós e prontificou-se a provar que ela ainda está no Panteão. Estima-se que a cidade espanhola possa dar a ela sua láurea

de Melhor Atuação por "Couture", vindo da França.

Numa parceria com a grife autoral da cineasta Alice Winocour (de "Cinco Graças"), Angelina tem a maior atuação de sua carreira em duas décadas. No domingo, sua passagem pela Espanha parou o País Basco. Raras vezes San Sebastián viveu coqueluche igual.

"A guerra e esperança se combinam na condição humana e um filme como 'Couture' fala das aproximações que atenuam os extremos", disse Jolie ao Correio da Manhã, antes de fazer uma crítica à falta de liberdade de expressão nos EUA a uma repórter espanhola. "Eu amo meu país, mas eu não o reconheço".

Construída como um painel de personagens que se tangenciam, mas seguem eixos próprios, a narrativa de "Couture" decorre durante a Semana da Moda de Paris. Na Cidade Luz, os caminhos de três mulheres se cruzam. Maxine (Angelina Jolie), uma cineasta americana, descobre ter cancro da mama e envolve-se num inesperado relacionamento com o seu fotógrafo (Louis Garrel). Ana (Anyier Anei), estudante de Farmácia vinda de Nairóbi, desponta como a nova estrela das passarelas, apesar dos dilemas em seu lar. Angèle (Ella Rumpf, em inquietante interpretação), é uma maquiadora francesa, que trabalha nos bastidores dos desfiles enquanto tenta publicar um livro. Quando as suas trajetórias se encontram, a trama filmada por Alice revela a resiliência discreta que se esconde por trás dos holofotes e presta homenagem aos laços tácitos de solidariedade que estas pessoas - diferentes em profissão, cultura e origem - partilham.

"É um filme sobre mulheres", disse Alice Winocour, que disparou nas apostas para o troféu de Melhor Realização de Donostia.

Nenhum filme do evento foi mais pop do que o dela. Angelina se recicla... e viceja na tela.

Divulgação



O chileno 'La Misteriosa Mirada Del Flamenco': premiação em Cannes

## Ofensiva **queer** chilena

Vencedor do Prix Un Certain Regard, o contagiante drama de CEP chileno "O Olhar Misterioso do Flamenco" ("La Misteriosa Mirada Del Flamenco"), de Diego Céspedes, hoje dispara na procura do público, na venda de ingressos, em San Sebastián, de onde há de sair como um hit aos olhos espanhóis.

Já confirmada na Première Latina do Festival do Rio, a produção foi um aconteci-

mento em Cannes em 2025. Filas gigantes se formaram nas projeções dessa reconstituição histórica da vida no norte do Chile no início dos anos 1980, numa área de mineração na qual um cabaré de mulheres trans e travestis enfrenta o boom da Aids.

Tudo é visto pelos olhos de uma menina, Lidia (Tamara Cortes), tratada como filha pela performer Flamenco (Matías Catalán), alvo de transfobia. Na trama, o contágio do

HIV é tratado com misticismo, numa crença de que a "peste" se espalha pela troca de olhares.

"Houve uma mudança de comportamento das pessoas em relação à comunidade LGBTQIAPN+, mas também um retrocesso no último ano", disse Céspedes em Cannes. "O Chile não é indiferente ao que se está a passar no mundo. A nova onda da ultradireita no continente também nos tem afetado". (R.F.)

ENTREVISTA / ISAACH DE BANKOLÉ, ATOR

# 'Nada é fácil para quem não é mainstream'

Jorge Fuembuena/SSIFF

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**007 JÁ CRUZOU** com Isaach De Bankolé, nos perigos de “Cassino Royale” (2006), o marco zero de Daniel Craig como James Bond, assim como Wakanda, o país de “Pantera Negra” (2018), viu seu talento entre os súditos do rei Tchalla. A HBO MAX estreou uma série nova com ele no elenco, ao lado de Mark Ruffalo: “Task”. “O Butalista”, que concorreu a dez Oscars, em marco, teve sua presença no elenco, no papel do amigo mais fiel do arquiteto visionário que Adrien Brody interpretou.

É mais comum, contudo, o cinema se lembrar - cultivar - o ator nascido há 68 anos na Costa do Marfim por sua colaboração com Jim Jarmusch e com Claire Denis, entre o fim dos anos 1980 e o início de 2010. “Uma Noite Sobre a Terra” (1991), “Ghost Dog” (1999), “Sobre Café E Cigarros” (2003) e “Os Limites do Controle” (2009) qualificaram-no como parte essencial da trupe oficial de Jarmusch, entre Tom Waitts, Tilda Swinton e Bill Murray.

Com Claire, houve o seminal “Minha Terra, África” (2009) e, agora, “A Cerca” (“Cri des Gardes”), um dos títulos mais aclamados briga pela Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, no norte da Espanha

Escalado para o Festival do Rio (2 a 12 de outubro), “A Cerca”



só existe porque, no fim dos anos 1980, enquanto filmava “Chocolat”, com a própria Claire, na República dos Camarões, Isaach levou um amigo dramaturgo para visitar as locações: era o francês Bernard-Marie Koltès (1948-1989). Sete anos antes dessa visita, ele lançou a peça “Combat de Nègre et de Chiens”, escrita em 1979, mas só encenada em 1982. Foi esse texto que serviu de pavimento estético para um projeto que reaproximou a cineasta de 79 anos do ator.

Na transposição para as telas, o drama político de Koltès ganha vida nos barracões de uma obra numa zona rural da África Ocidental. Num canteiro de operários, Horn, o chefe da obra (vivido por Matt Dillon), e Cal, um jovem engenheiro (Tom Blyth), dividem o alojamento atrás da porta dupla

das instalações. Leonie, namorada de Horn (Mia McKenna-Bruce), chega para se juntar a eles na noite em que um homem (interpretado por Isaach) aparece junto à cerca. Seu nome é Alboury. Como um espectro na escuridão, ele exige o corpo de seu irmão, que morreu naquele mesmo dia na obra. Ele vai assombrar os dois homens durante toda a noite até que lhe entreguem o cadáver, enquanto Leonie observa o desastre crescer diante de seus olhos.

Na conversa a seguir, em San Sebastián, que segue até o dia 27, Isaach fala ao Correio sobre identidade, a partir da origem africana, e expõe como o racismo age.

**O espaço para artistas negros hoje é maior do que nos anos 1980?**

**Isaach De Bankolé** - Não, pois nada é fácil para quem não é mainstream. Claire Denis tem prestígio, está na ativa há anos, mas sempre precisa se esforçar para levantar filmes novos do zero. Jim passa pela mesma situação.

**Em relação à intolerância racial, algo melhorou desde a sua estreia, em 1984?**

As coisas parecem mais fáceis, mas apenas porque o racismo encontrou estratégias subreptícias para agir.

**“A Cerca” encena um microcosmo das lutas coloniais de ontem e de hoje num canteiro de construção. Alboury parece um Exu, uma entidade que vai clamar o que é seu, qual um mensageiro da ancestralidade africana.**

**O que há de místico nele?**

Eu falo iorubá, que aprendi com os meus pais, e levo essa língua para o filme, que se comporta como um ensaio atemporal sobre o ranço da colonização. Alboury não vem para matar, vem para reclamar o que é seu. A África não recebe o que é dela de direito. O povo branco precisa reconhecer que a África é o berço de tudo.

**Há muitas Áfricas, mas o que o nome do continente de onde vem simboliza no seu imaginário?**

A África é o mundo. Não se apaga a memória de um lugar que existe desde sempre. Não se pode isolar a África.

**O que existe de mais singular no olhar de Claire Denis?**

A habilidade de filmar o silêncio. Pouca gente no cinema fica confortável com a quietude, ainda que, na vida real, ninguém fale o tempo todo. Claire sabe lidar com a expressão silenciosa.

**Qual é o melhor caso que você guarda da vivência com Jim Jarmusch?**

Quando filmamos “Os Limites do Controle”, nós discutimos ao longo de duas horas, por causa de uma fala. Ele veio às lágrimas. Tivemos que fazer uma pausa, pois eu estava irredutível. O produtor me chamou e disse: “Ué, mas vocês não eram amigos?”. Eu retruquei: “Somos, muito, só que essa confusão não tem a ver com amizade, e, sim, com colaboração artística”. Filmamos tudo e, uns meses depois, já na ilha de montagem, Jim me ligou: “Isaach, você estava certo. Se eu tivesse rodado a fala como eu queria, não conseguiria montar o filme”. É sobre isso.

# A cor da cidade **sem cores**

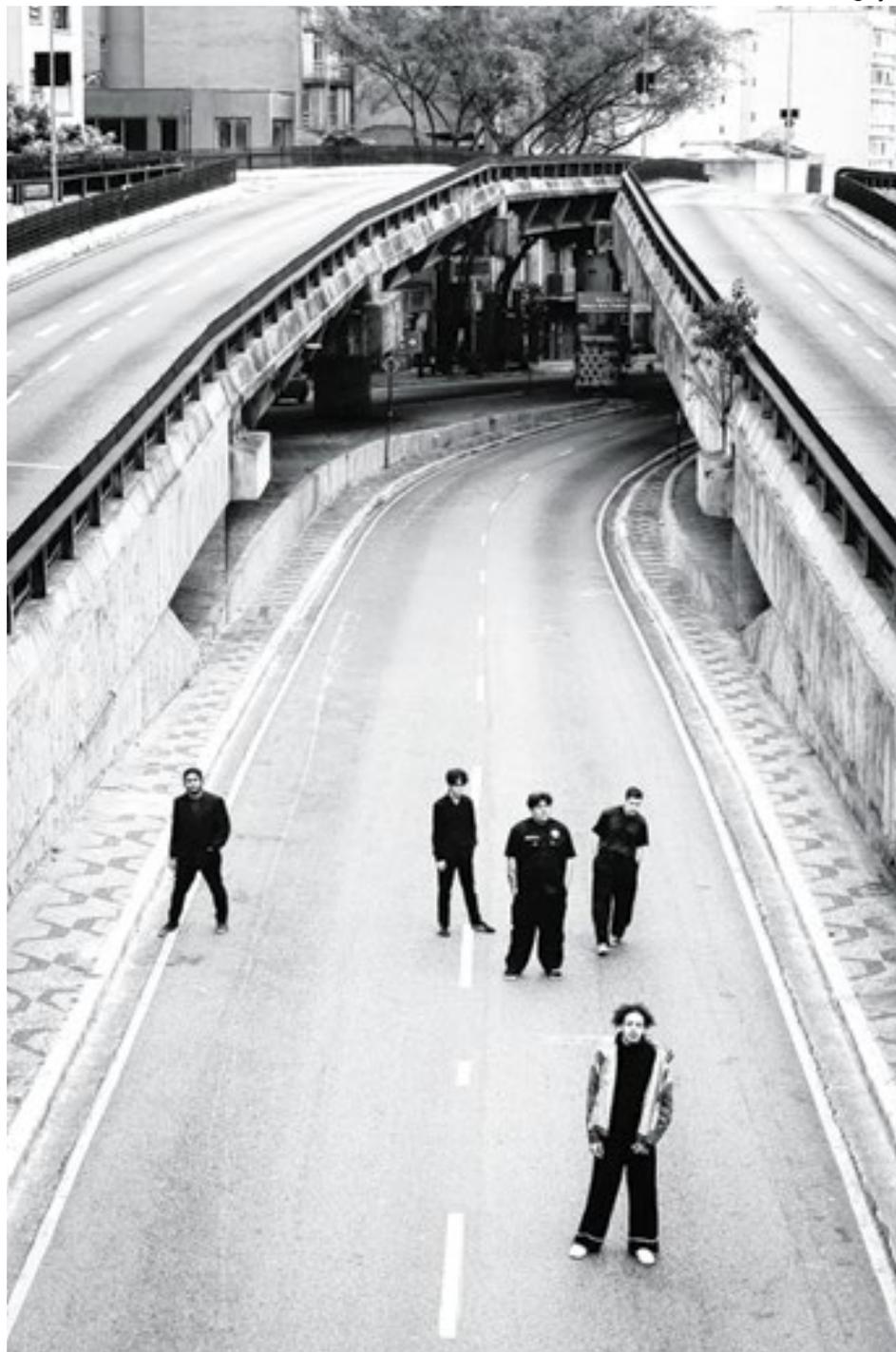
Álbum de estreia da banda Naimaculada trata de violência, marginalização e invisibilidade das metrópoles

Por Affonso Nunes

**C**aetano Veloso cantou São Paulo com versos como “E quem vem de outro sonho feliz de cidade / Aprende depressa a chamar-te de realidade / Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”. E Itamar Assumpção traduziu a cidade em “Persigo São Paulo” quando dizia “E não, não / São Paulo é outra coisa / Não é exatamente amor”. A vida na maior metrópole da América Latina também de faz presente “A Cor Mais Próxima do Cinza”, álbum de estreia da banda Naimaculada que chega às plataformas digitais sob a chancela da gravadora Deck.

O trabalho é um retrato sonoro da vida nas grandes cidades brasileiras, especialmente a cidade desta banda formada há três anos por Ricardo Paes (voz), Pietro Benedan (bateria), Luiz Viegas (baixo e voz), Gabriel Gadelha (saxofone) e Samuel Xavier (guitarra). O grupo constrói uma narrativa musical sobre violência urbana, marginalização e o ritmo frenético da metrópole. “São Paulo é uma cidade cinza, onde ninguém se importa com ninguém”, comenta o guitarrista Samuel Xavier, sintetizando o conceito que permeia as dez faixas do trabalho.

O álbum nasceu de experiências concretas dos integrantes na capital paulista. Pietro Benedan desenvolve trabalho no projeto Solidariedade Vegan, que distribui alimentos para população em situação de vulnerabilidade, enquanto o vocalista Ricardo Paes vivenciou a mudança de Osasco para São Paulo. “Meus primeiros contatos com metrô, com as estações mais cheias, a imensidão de concreto e a sensação de invisibilidade de



certa forma inspirou o disco”, aponta Ricardo. “Sem exceção, a única coisa que te faz ser visível em SP é poder e dinheiro. E a única mudança de perspectiva é quando a gente começa a conviver com as pessoas e passa a também saber como elas se sentem. No final das contas, o disco é sobre isso, encontrar humanidade num cenário desolador como São Paulo.”

Musicalmente, o trabalho transita pelo rock psicodélico e alternativo, incorporando a estética da cidade poluída e iluminada. A banda revela as belezas de um lugar cinza e hostil, fundindo gêneros musicais de diversas regiões e épocas, culminando num som que mescla psicodelia, toques de MPB e até hardcore punk com berimbau, refletindo a mistura de culturas presente nos cen-

Divulgação



Formado em 2022, o Naimaculada traduz em canções a vida pulsante, vertiginosa e desumanizante em metrópoles como São Paulo no álbum ‘A Cor Mais Próxima do Cinza’

tros urbanos.

Três das dez faixas já foram lançadas como singles: “Eu Sei”, “Não É Sobre Peixes” e “Choro de Outono”, que se tornaram hits nos shows da banda. “Epítome” apresenta condução de bateria que passeia por tom latino, stoner rock e metal, enquanto a letra aborda uma briga com o tempo. “Não É Sobre Peixes” descreve desentendimentos de um casal, e “Quatro Quina” critica a “normalização do absurdo” contemporâneo. “Mais um acidente na Rebouças/ Sexo virtual, mas nada é real/ Era anti-emocional” são versos do refrão que exemplificam a crítica à rapidez e superficialidade do mundo atual.

“É uma crítica à rapidez e superficialidade do mundo, tanto no sentido das pessoas não se abalarem com um acidente de trânsito como com a prática do sexo virtual, uma desconexão da realidade. Além do canibalismo das redes sociais, a padronização dos corpos e nossa robotização de forma geral”, explica Ricardo sobre “Quatro Quina”.

Outras faixas exploram temas igualmente densos: “Deus e o Diabo na Terra do Sol” aborda violência policial, “A Arte É Culpada” discute o papel do ofício artístico, enquanto “Luz/Sé”, com 11 minutos de duração, transporta o ouvinte numa jornada pelo centro da cidade, onde autorreflexão convive com observações do cotidiano urbano. Esta última é considerada a música mais emblemática do álbum, representando a essência do Naimaculada.

Produzido por Samuel Xavier e mixado e masterizado por Chediak, “A Cor Mais Próxima do Cinza” é um disco denso, profundo e autêntico que merece ser ouvido na íntegra para ser digerido e compreendido em suas múltiplas camadas.

Divulgação

# Autoralidade jovem



Cantor e compositor Sávio desembarca no Rio com o show de lançamento do álbum 'Meu Caminho Já Tem Nome'

Por Affonso Nunes

O cantor e compositor Sávio se apresenta nesta quarta-feira (24), no Blue Note Rio, com o show de lançamento de seu primeiro álbum completo "Meu Caminho Já

Tem Nome". O artista niteroiense é considerado uma das vozes mais promissoras da nova música popular brasileira e promete um show especial em formato intimista que remete ao momento em que suas canções nasceram.

No palco, Sávio apresentará as canções que vêm construindo sua trajetória. O repertório mescla faixas inéditas do novo disco, como "Foz", "Vendaval" e "Te Carrego no Peito (Me Leva)", com faixas já conhecidas de seu pelo público, incluindo "Não Presta", "Cê Mora Perto" e a releitura de "Hoje Eu Quero Sair Só", um clássico de Lenine.

"Ficamos muito felizes com os shows com lotação esgotada em Niterói e agora estou amarradão em levar esse show pela primeira vez também pro Rio. Vai ser lindo!", comenta Sávio.

A banda que acompanha o artista formada pelos músicos Rafael Garrafa (baixo), Braguinha (guitarra), Gabrieu (teclados e vocais) e Wesley Castro (bateria).

## SERVIÇO

SÁVIO - MEU CAMINHO JÁ TEM NOME  
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910)  
24/9, às 22h30  
Ingressos a partir de R\$ 60

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Desapego e recomeço

A banda Superalma lançou "Só Quero Viver", single de pop alternativo que antecipa o álbum "Todo Tempo Que Virá Depois Desse Momento – Volume 2". O trio, formado por Bella Vox, Frankstation e U.F.O., adotou o novo nome após encerrar o ciclo como Paradise Guerrilla. A faixa, inspirada no poema "A Travessia" de Fernando Pessoa, aborda temas de desapego e recomeço. O trabalho mantém a fusão característica de beats eletrônicos e instrumentação analógica do grupo.

Elisa Maciel/Divulgação



### Uma ode ao comum

Luíza Boê acaba de lançar o single "Nada de Extraordinário", faixa com produção de Gustavo Ruiz. A música integra o próximo álbum da artista, previsto para outubro. "Essa canção nasceu num dia comum, em que meu aniversário caiu numa terça-feira sem grandes acontecimentos, mas com um contentamento enorme por estar viva", conta Luíza. "A música fala sobre isso: a vida não precisa ser extraordinária pra ser boa. A felicidade pode estar no ordinário, no aqui e agora. Depender do extraordinário pra ser feliz é esperar demais da vida", explica a artista mineira.

Skelltons/Divulgação

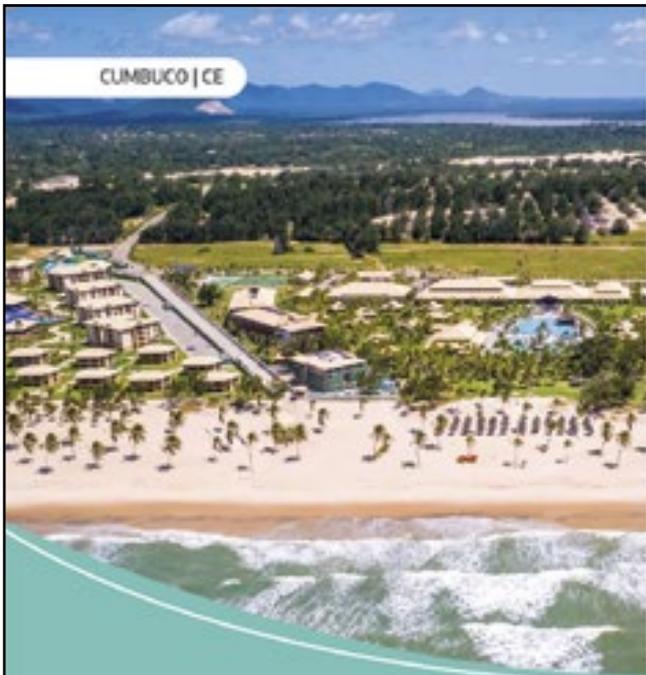


Divulgação



### Clipe acessível

O projeto #estudeofunk lançou no último domingo (21) o videoclipe em Libras de "Fé na Batalha", da artista Nabru, do álbum EOF Vol. 5. O lançamento coincidiu com o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência. A interpretação é de Thamires Alves Ferreira, profissional que atua em festivais e shows de Anitta e MC Cabelinho. A produção é de Macarte e direção de Felipe Combo. É o primeiro audiovisual com acessibilidade da produtora, que já lançou cinco álbuns e acumula mais de 500 mil visualizações no YouTube.



**PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES**  
*destinos.*  
**PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.**

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.  
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

